

MOÇÃO DE REPÚDIO À CAMPANHA DIFAMATÓRIA CONTRA A ANTROPÓLOGA DOMINIQUE GALLOIS E O CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA

Os participantes do Seminário "A Presença de Galvão na Antropologia Brasileira", promovido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, Pará, de 2 a 5 de setembro de 1997, vêm à presença de V. Excia. (ou Sa) manifestar seu mais veemente apoio às atividades desenvolvidas pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI) entre os índios Waiãpi (AP) e coordenadas pela Profa. Dra. Dominique Gallois e, simultaneamente, repudiar a deliberada campanha difamatória contra esse trabalho e seus realizadores por parte de setores comprometidos com interesses anti-índigenas, representados pelo Deputado Federal Antonio Feijão e pelos missionários fundamentalistas da "New Tribes Mission".

Tal intervenção deletéria está sendo judicialmente instrumentalizada pela Procuradoria Geral da República no Amapá, através de uma ação civil pública com pedido de liminar contra a União e o CTI, cujo objetivo principal é proibir a implantação do projeto "Recuperação Ambiental e Despoluição de Áreas da Terra Waiãpi Degradadas por Garimpo", de autoria do CTI e da Associação Waiãpi (APINA) e aprovado pelo Ministério do Meio Ambiente sob o n. 262 em novembro de 1996.

Os Waiãpi, que conquistaram o controle efetivo de sua terra e têm sido capazes de formular alternativas econômicas em formato social e ambientalmente sustentável, veem-se agora impedidos de prosseguir essa trajetória em condições dignas e de acordo com metas e atividades que eles mesmos definiram. Desta maneira, por conta das referidas ações difamatórias e da interferência indevida, está ocorrendo naquela área um gravíssimo retrocesso no que toca ao respeito dos direitos indígenas e às suas condições de sobrevivência, com previsíveis conseqüências catastróficas.

Os Waiãpi, que são os maiores prejudicados nesse processo, têm manifestado em várias ocasiões e por vários meios, sua inconformidade com a interrupção das atividades do CTI na área e sua indignação com relação às aleivosias levantadas contra a correção e probidade da Profa. Dominique Gallois.

Os participantes do acima referido Seminário vêm instar junto a V. Excia. (ou S.) para que tome medidas concretas e urgentes no sentido de sustar as conseqüências da conduta arbitrária e opressora das citadas pessoas e entidades, que põem em risco a vida e o futuro de todo um povo, intentando também denegrir a reputação de uma profissional comprovadamente dedicada aos Waiãpi e de ilibada competência e integridade.

Belém, 5 de setembro de 1997.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 02, 10, 97
cod. WAD 000 57

Museu homenageia pioneiro

O antropólogo Eduardo Galvão vai ser imortalizado pelo Museu Goeldi através de evento periódico

Acada três anos, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) pretende promover o "Seminário Eduardo Galvão", que foi encerrado na última sexta-feira, no Hotel Equatorial. A informação é do diretor de pesquisa do Museu, Antônio Carlos Magalhães. Do evento, participaram mais de 400 pessoas, a maioria profissionais e estudantes de Antropologia, mas também se inscreveram sociólogos, geógrafos e economistas.

Carioca, Eduardo Galvão foi o primeiro antropólogo a obter o título de doutor no Brasil. Ele formulou estudos sobre aculturação indígena, "sendo que a sua abordagem norteou grande parte da Antropologia brasileira nos anos 70 e 80, até os dias de hoje", disse Magalhães. Galvão proporcionou a abertura do campo de estudo sobre o caboclo amazônico e a religiosidade popular na Antropologia Social. De acordo com Magalhães, tal abordagem foi consolidada pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira, professor da Universidade de Brasília (UnB), que proferiu a conferência de abertura do seminário, intitulada "A trajetória de Eduardo Galvão na Antropologia Brasileira". O principal estudo de Cardoso de Oliveira é "Fricção Interétnica", que, grosso modo, trata da relação entre índios e brancos de modo mais sistemático e detalhadamente, à qual pode possibilitar "perdas" culturais, por parte da sociedade indígena.

Com Darcy - Durante quatro dias, o seminário apresentou mesas-redondas com temas sobre populações locais, ensino e pesquisa em Antropologia Social e as contribuições da Etnografia Amazônica para a ciência antropológica. Nos grupos de trabalho, os assuntos tratados foram identidade e território, populações tradicionais, saúde e meio ambiente e sociedades pesqueiras na Amazônia. Além de conferencistas paraenses, estiveram em Belém profissionais do Maranhão, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Brasília, entre outros. Entre



▲ AO MESTRE - Pesquisadores rendem homenagem ao pioneiro da antropologia na Amazônia

eles, Isidoro Alves, paraense e professor do programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ele trabalhou com Galvão no Museu Goeldi, durante a década de 70, na iniciação à pesquisa em Antropologia. Alves estuda basicamente o ritual e o simbolismo. É conhecida nos meios científicos a sua tese sobre o Círio de

Nazaré, que resultou na obra "Carnaval Devoto". O antropólogo também estuda os sistemas tradicionais da Amazônia. Neste campo, já trabalhou com ciclo de festas e sistemas de aviamento (forma de comercialização) da região Amazônica. "Com Galvão, fizemos um curso de pesquisa social", lembrou o antropólogo que, atualmente, dirige o departamento de pesquisa

voltado para a história da ciência, no Museu de Astronomia e Ciências Afins do CNPq, no Rio de Janeiro. Ele revelou que Galvão dirigiu o Instituto de Ciências Humanas da UnB, ao lado de Darcy Ribeiro. Os livros considerados marcantes do antropólogo homenageado no encontro são "Os índios Tenetehara" e "Santos e Visagens". Galvão faleceu em Belém, há 21 anos.

Solidariedade a Dominique Gallois

Contemporâneo de Galvão encerrou o seminário o professor Luís de Castro Faria, da UFF, fez a conferência de encerramento do encontro, intitulada "A Antropologia no Brasil de antontem...". Problemáticas obrigatórias e subordinação". Antes da sua exposição, foi oficialmente anunciada a instalação do Núcleo Interinstitucional de Saúde Indígena e criado o conselho deliberativo da entidade. Na próxima semana, haverá uma reunião na Fundação Nacional de Saúde para a sua implantação. Na ocasião, também foi aprovada uma moção de

repúdio à campanha que está sendo feita contra a antropóloga Dominique Gallois e o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Ela atua entre os índios Waiãpi, no Amapá, e - segundo a moção - estaria sofrendo uma campanha difamatória, de autoria do deputado federal Antônio Feijão e missionários da "New Tribes Mission". Castro de Faria foi um dos precursores da ciência no País, sendo o único membro vivo da primeira diretoria da Associação Brasileira de Antropologia. Ele trabalhou com Galvão no Museu Nacional do Rio de Janeiro, que, hoje,

pertence à Universidade Federal do Rio de Janeiro, constituindo-se no principal centro da pesquisa antropológica daquele Estado. O antropólogo fez um apanhado histórico da ciência no Brasil, lembrando os principais fatos e personalidades que a marcaram até 1968, quando Roberto Cardoso de Oliveira cria o mestrado. Também participaram do encerramento do seminário Lourdes Furtado, presidente da comissão organizadora; Roberto Araújo, chefe do departamento de Ciências Humanas do MPEG; e o professor Roberto Cardoso de Oliveira.

gi
28
hi
ri
N
in
ci
Fu
st
vi
t
g
ll
n
o
p

c
s
c
f
l
c
l